

COMMERCIO DO MINHO

5.º ANNO 1877

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 616

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Preços: Braga, anno 13600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 25000 rs. e sendo duas 35600 rs.—Semestre 15050 rs.—Brazill, anno 35600 rs.—Semestre 15900 rs. moeda forte, ou 85000 reis e 45500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—SABBADO 17 DE MARÇO

A excellente revista religiosa de Lisboa —o «Bem Publico»—estranhou, como nós, as asserções do sr. padre Reis, collaborador da «Palavra», e oppoz-lhes, tambem como nós, a doutrina da «Civiltá Cattolica», ácerca da alçada do Pontifice Romano sobre *materias politicas*

Em lugar porém de se dirigir ao sr. padre Reis, o «Bem Publico» dirigiu-se á «Palavra», e accusou-a de *escorregar algumas vezes para o liberalismo*.

A folha portuense melindrou-se, como era muito natural, com similhante imputação, e em quatro estirados artigos procurou repellil-a, e mostrar que entre os assertos do seu collaborador e os da «Civiltá Cattolica» não se dava a antinomia, que o «Bem Publico» e nós lhe assacamos.

Não queremos de modo algum adiantar-nos ao nosso collega de Lisboa em responder á «Palavra», já por que, como mais auctorisado, a elle compete fallar primeiro, já por que é directamente com elle que o jornal portuense vem contender, incluindo-nos a nós apenas indirectamente em algumas referencias genericas, que fez aos que se escandalisaram com a doutrina do sr. padre Reis.

Diremos apenas, para desengano dos nossos leitores, que não lêem tambem a «Palavra», que a opposição entre a opinião do sr. padre Reis afirmando—ser o Papa incompetente para julgar, definir, reprovar ou approvar as fórmulas politicas dos Estados, *por que estas estão fóra da sua alçada*—e a «Civiltá Cattolica» sustentando—que o Papa é mestre mesmo das doutrinas respeitantes ás relações da sociedade civil com a ecclesiastica (relações a que as fórmulas politicas não podem ser indifferentes, como nos será facil provar);

que elle julga, em virtude do seu officio, os principios moraes, com que necessariamente deve conformar-se a politica (e por consequencia as *fórmulas de governo e leis fundamentaes* dos Estados; e que os catholicos, que querem ser e parecer taes, nem mesmo n'estas materias politicas devem deixar de submeter-se e de aceitar as decições do Pap);—a opposição, dizemos nós, entre a opinião do sr. padre Reis e a da «Civiltá Cattolica», a despeito das explicações, citações e parenthesis da «Palavra», fica sendo sempre palpavel a quem de boa fé approximar e comparar os dois textos, que transcrevemos em outro numero d'este jornal.

Poderemos tão sómente salvar as intenções do sr. padre Reis, admitindo de muito bom grado que—nos assertos em questão—a frase atraiçou a ideia (o que não raras vezes acontece) e que a fórmula demasiado generica que deu á sua proposição, não exclue as restricções, que o seu esclarecido espirito e vistas perfeitamente catholicas não podem deixar de admitir.

De resto, se nós tomarmos á letra o enunciado do sr. padre Reis—*as fórmulas politicas dos Estados ficam fóra da alçada do magisterio do Pontifice Romano*—não só o acharemos em contradicção com a «Civiltá Cattolica», mas até mesmo com a «Palavra», que assim se exprime no seu quarto artigo ao «Bem Publico»:

«Tempo virá pois em que os povos, ao organisarem ou mudarem as suas *fórmulas de governo e respectivos codigos politicos*, os apresentarão ao Placet do Chefe da Igreja, não como reconhecendo-lhe e conferindo-lhe a soberania temporal, que elle seguramente não quer nem lhe pertence, mas como ao *Mestre infallivel da verdade, como a unica auctoridade competente para decidir se a lei humana confere com a lei divina; é o Estado que*

deve pedir o Placet á Igreja e não a Igreja ao Estado».

Apoiado! respondemos nós.

Agora só nos cabe lamentar que o estimavel collega portuense dispendesse tamanho cabedal de erudição, e incomodasse os Ramières, os Balmes e outros theologos tonsurados e não tonsurados, para afinal vir a concordar com os *leigos* do «Bem Publico» e do «Commercio do Minho», e contra o seu collaborador padre Reis, em que as *fórmulas de governo*, ou (o que creio que é equivalente) as *fórmulas politicas dos Estados* cahem debaixo da alçada do magisterio infallivel do Pontifice Romano.

Verdade é que nos antecedentes artigos a «Palavra» parece haver-se inclinado mais para a opinião do sr. padre Reis, declarando «que os povos tem o direito de se organisarem politicamente como entenderem e quizerem». Mas parece que o articulista entrou a final no verdadeiro caminho, e é-nos licito suppor que a sua opinião *definitiva* sobre a materia em questão é a que fica consignada no trecho do artigo IV, que acima reproduzimos

Sapientis est mutare consilium.

Estamos pois todos de accôrdo—o «Bem Publico», a «Civiltá Cattolica», a «Palavra» e nós.

Resta agora harmonisar a «Palavra» com o sr. padre Reis. Mas isso é lá com suas senhorias, que muito capazes os julgamos nós de se entenderem bem um com o outro.

D. M. S.

A' Redacção do «Commercio do Minho».

Londres, 8 de Março, 1877.

Envio, sem mais demora, a cópia do

que tão recentemente escrevi para o *Apostolo*, porque a materia principal do que trato é da maior actualidade no interesse, assim como do maior momento na importancia. Mais ainda interessa tambem a Portugal do que ao Brazil; por estarmos nós, e a barra do Tejo, no caminho, e tanto á porta da passagem para aquelle Oriente, onde nasceu o genero humano; onde se passaram os successos e scenas mais estupendas na primitiva e antiga historia do Mundo; e cuja riqueza e commercio foi já desde os tempos dos Faraós, de Salomão, e dos Phenicios, um objecto constante da ambição e contentas do Mundo Velho Occidental. Hoje é de maior importancia ainda, por complicar-se com rivaes interesses mais altos e transcendentales, Catholicos, Protestantes, Scismaticos-Gregos, e Mahometanos.

A. R. SARAIVA.

A' Redacção do «Apostolo».

Londres, 28 de fevereiro, 1877.

SUMMARIO.

I.—(28 de Fevereiro) Meu modo de ver sobre a *farça constitucional Turco-Ingleza*, ou Anglo-Turca, e sobre a politica Russa a tal respeito.—II.—(1.º de Março) Noticia (que parece d'Entrudo) de falar simplesmente, cantar, etc. pelo telegrapho.—III.—A imprensa Russa caracterizando sufficientemente bem a Inglaterra, e a politica Ingleza.—Factos e circumstancias, mostrando, como o Liberangismo Portuguez fez instrumento dos Inglezes, para, preparar a destruição do Imperio Colonial e Catholico Portuguez.—IV.—A Turquia objecto, d'ora em diante, de zelos e rivalidades, politicas e commerciaes, mas que será sobre tudo victima da politica e dos interesses Inglezes.

23

FOLHETIM

DR. J. M. DE MACEDO.

OS DOIS AMORES

ROMANCE BRAZILEIRO

VOLUME II

XI

Eu o exijo!—senão...

—Bem: disse com frieza Salustiano: posso então fazer da carta que pára em minhas mãos o uso que me parecer?...

—Que indignidade!...

—Não responde?...

—Faça o que quizer.

—Oh! vê-se bem que a senhora não se lembra do que escreveu ha vinte e um annos passados!

—Senhor!

—Cuida de n'esse papel existe apenas a confissão de uma falta que ás vezes o mundo desculpa?... não, senhora! alli se confessa um erro e um crime!

—Senhor!

—Um crime que horrorisa a natureza... um crime pelo qual a justiça de Deus ha de condemnal-a a penas terribes, e a justiça dos homens póde arrastal-a ao banco dos condemnados, ao carcere, ao patibulo mesmo!

—Senhor...

—Oh! quem diria que esta mulher orgulhosa e insolente, que se apresenta em toda a parte com a cabeça tão levanta-

tada, carrega sobre a cabeça o mais horrivel dos crimes?...

—Miseravel!

—Sim... sim... miseravel embora; mas este miseravel póde apparecer com o rosto descoberto!.. Senhora tudo está decidido: eu rompo o seu casamento, eu mato a sua ventura, eu vingo-me!

Marianna arquejava.

—Primeiro irei ter com o homem, que loucamente a ama; e mostrar-lhe-ei a sua carta... ou... se não... ah!.. que ideia!..

O mancebo soltou uma risada: Marianna não achou em seu furor uma palavra para dizer-lhe.

—Tudo póde acabar em paz, minha senhora, disse com fingida amabilidade Salustiano: não haverá nem banco de condemnados, nem carcere, e muito menos patibulo; a senhora casar-se-ha com aquelle que ama, e eu desposarei a joven que adoro.

Marianna ficou olhando, e o terrivel moço proseguiu:

—Dispensio tambem a sua intervenção: achei um bello meio... que estupidez a minha!.. deveria tel-o ha mais tempo lembrado. Apparece apenas um inconveniente: ha um velho que talvez morra de desgosto... paciencia.

Marianna estremeceu.

—A'manhã, senhora, terei uma hora de conferencia com o honrado, austero e amoroso sr. Anacleto: quando eu o deixar só levarei a certeza de ser o esposo de Celina, e elle ficará mudo e terrivel, pallido como um cadaver, e se fallar, fallará para amaldiçoar sua filha.

—Oh!..

—Porque elle ha de saber, (ha de saber pela propria letra da senhora) que a filha de seu coração, que a orgulhosa e bella Marianna, no meio das mil loucu-

ras de seus primeiros annos, amou a um homem... e amou tanto... tanto... tanto... que se perdeu por elle!..

Marianna escondou o rosto entre as mãos.

—Ha de saber mais, que depois de committida a primeira falta, commetteu ainda um crime abominavel; ha de saber que sua filha, em resultado de um momento de embriaguez, tinha de ser mãe, que inspirada pelo demonio não o foi, não foi mãe... porque... porque...

—Oh!.. bradou Marianna.

—Porque matou seu filho.

Sucedeu a essas terribes palavras alguns momentos de silencio: Marianna estava convulsa, tinha os labios pallidos, o rosto cadaverico, as mãos estendidas para diante, e tremulas, como se quizesse defender-se de algum objecto, e com os olhos pasmos e terribes parecia talvez estar vendo diante d'ella a imagem do filho, que havia assassinado.

Depois de algum tempo ella murmurou fracamente.

—Infanticidio... infanticidio...

Soltou um grito e desatou a chorar.

Salustiano insensivel e silencioso esperou muito tempo, que Marianna socegasse um pouco. Quando a viu menos sobressaltada disse-lhe:

—Então, senhora?..

—Perdão, senhor; balbuciou a desgraçada pondo-se de joelhos.

Salustiano ergueu-a, fel-a sentar e continuou:

—Nada do que ouviu será sabido: no dia em que eu me casar com sua sobrinha queimaremos juntos a carta fatal.

—Mas o que é que devo fazer?.. perguntou a misera viuva.

—Primeiramente fazer com que esse mancebo, que mora no Purgatorio-trigui-

ro, desapareça d'estes logares; conseguir d'elle uma carta para sua sobrinha; carta em que se apague toda a esperanza de amor.

—Oh! mas isso é impossivel.

—Nada é impossivel, senhora

—Porém de que modo conseguir isso?..

—Uma mulher que se ajoelha e chora aos pés de um homem consegue tudo, principalmente quando esse homem é um moço.

Marianna abaixou a cabeça.

—Depois, proseguiu Salustiano, convirá que seu pae se interesse a meu favor, convirá que a Bella Orfã ouça os seus conselhos, e até os seus rogos; e em oltimo caso é preciso que se imponha...

—E se ella resistir?..

—E' uma creança; resistirá ao principio, chorará depois, e cederá no fim.

—Está bem.

—Não voltarei a esta casa, concluiu Salustiano levantando-se, senão na vespera de seu casamento, e então... ou se hão de assignar as escripturas do meu, ou... a sr.ª o sabe.

Salustiano saiu.

—Meu Deus!.. meu Deus!.. exclamou Marianna dolorosamente; eu não pensava que a minha desgraça fosse tão grande!.. eu não me lembrava de ter escripto a confissão do ultimo crime!.. Oh!.. isso foi loucura... e a loucura que me fez escrever tal, é o primeiro castigo da Providencia!..

Quando Salustiano deixou o Ceo-côrde-rosa o velho Rodrigues estava soceadamente sentado na porta do alpendre... mas não cantava como de costume.

(Continúa)

I.—Não sei o que virá d'aqui até o dia da mala por que mandarei esta carta; mas parece-me que, no entanto, não deixará de convir o registrar as seguintes passagens, que hoje encontro no *Times* de hontem; por virem de correspondentes acreditados, e tocarem a um ponto e negocio de grande interesse para o Christianismo, como é este drama da Turquia.

Não fundo este interesse principalmente nas questões actuaes, complicadas com os politicos e confligentes das diferentes Potencias, que, graças á revolução, se arrogam hoje, e com fundamento infelizmente, o regular a politica e destinos do Mundo Velho, pelo menos. O meu sentido é mais lato, abrange o mundo moral todo inteiro; pois se refere ao Catholicismo, cujo só nome denuncia logo o mundo todo, não só geographica, mas chronologica e moralmente — o seu passado, presente, e futuro (os dous ultimos com especialidade).

O elemento Mahometano, ou Musulmano — fosse porque designio fosse da Providencia — tem representado, ha mais de mil annos, tão enorme papel no mundo, que, salvo na America, podemos dizer, que tem quasi desde seu nascimento, affectado grandemente a politica do mesmo mundo. E (cousa notável) ¿ donde lhe veio principalmente essa importancia e força? Evidentemente de suas muitas semelhanças com o Christianismo; e de seu total antagonismo com elle n'um ponto, infelizmente, de terrivel importancia para attrahir as sympathias dos homens ignorantes e carnaes ao mesmo tempo — a polygamia, e suas concomitancias.

¿ Como, e para quê, foi que a Sabedoria e Providencia Divinas, e Todo-Poderosas, permittiram a criação e monstruoso augmento deste formidavel antagonista do Christianismo, e que abraçou e conquistou a maior parte da superficie da Terra, desde o Cabo Bojador, podemos dizer, até á China e Japão? A Providencia é que o sabe; assim como sabe o porque consente hoje a existencia e propagação de outra praga maior e mais fatalmente corruptora — a *Maçonaria*. E digo esta *mais fatalmente corruptora*, porque o seu systema tem por base o engano conscio e a mentira; para servir ao egoismo e interesse de poucos, as illusões, imposturas, phantasmagorias, *enzampações* (não acho, ou me accorre, melhor expressão para traduzir uma palavra Inglesa, que exprime perfeitamente o genio da maçonaria — a palavra *humbug*) de milhares, de milhões, de papalvos — infatuados, ao mesmo tempo, de sua papalvice!

Pareceria comtudo — ao menos é pensamento meu, ou hypothese, — que a Providencia tem determinado começar a pôr termo á importancia do flagello Mahometano; que serviu a estimular grandissimas virtudes e heroismos Christãos.

A Maçonaria nossa senhora, comtudo, prepara-se a substituir ella o Islamismo, como antagonista da Christandade; e podem, por tanto, os inimigos desta consolar-se, pois lhes fica, em compensação, uma agencia anti-catholica muito mais pérfida e traçoceira, e mentirosa, do que a do falso Propheta da Meca. Fica-lhes a dos discipulos de *Hirão*, para os illudirem com os seus 3 pontitos.

(Cont. úna)

A. R. SARAIVA.

Um nosso collega transcreve da «Union» o artigo seguinte, referente ás ultimas palavras de Henrique V, no seu appello a todos homens d'honra e de boa-fé, o qual publicaremos brevemente.

«As palavras do rei animam os realistas; serão guia e apoio para os homens de boa vontade; mas desconcertam os homens da revolução. Este vigor d'alma, esta real resolução, que faz apparecer aos olhos da França uma barreira e um refugio, quando as aventuras do imperio, e as violencias do radicalismo ameaçam a nossa existencia nacional, esta linguagem firme que, sem provocar, nem ferir, acorda a energia, são o testemunho d'um poder invencivel.

Os nossos adversarios comprehendem, que para atacar a monarchia, era necessario caluniar e mentir.

Um rei, prevalecendo-se unicamente do principio que apresentou á França, «perfeitamente resolvido a cumprir o seu dever, obrigando os seus inimigos a proclamarem a sua grandeza e a sua lealdade», e a salvação.

As suas palavras acalmam e inspiram a confiança; são a ruina das culpaveis aspirações de uma republica fragil e precaria. Mas a revolução, tambem, não sabe conter-se; o golpe deu-lhe em cheio: irrita-se, revolta-se, ameaça.

A «Republique Française» tornou-se notavel pela violencia do ataque. Mas não nos lastimamos d'isso.

A sua ira é salutar advertencia. Ousa invocar a justiça do paiz, e esquece-se da sua missão, a ponto de lançar em face á burguezia franceza, rebelde aos seus planos, os orgulhosos sarcasmos, que lhe inspiram os grandes feudatarios da republica.

Esta colera é de bom agouro, e faz-nos sorrir. A burguezia repelle a republica, e o povo procura estudar na lingua de Proudhon o epitheto que convem aos senhores do radicalismo.

Emquanto á justiça com que nos ameaça, é, talvez, a justiça que, em nome da communa, mandou fuzilar os refens, e queimar nossos monumentos, porém não a do paiz.

O snr. conde de Chambord aponta os perigos de agora, mas acrescenta: «A monarchia não deixará livre o passo, nem ás aventuras do imperio, nem ás violencias do radicalismo». E' o combate inevitavel e supremo entre a monarchia e a revolução; o rei está prompto para esse combate, e pede aos seus que para elle se preparem.

Mas Henrique V não é o rei de um partido; batendo o imperio e o radicalismo, condemna a doutrina revolucionaria, que produz o primeiro, ou termina no segundo; não pronuncia uma sentença de ostracismo contra os homens, que tem julgado servir o seu paiz sob os diversos regimens: imperio ou republica.

Para estes homens, quaesquer que sejam as suas illusões, os braços do rei estarão sempre abertos, e o seu logar está marcado no real accordo da França unida, pacificada, prospera.

Para nós, a nossa missão está precisamente indicada. Devemos trabalhar corajosamente, praticar a disciplina, não recuar ante obstaculo algum, preparar sem demora, pelo estudo, pela sciencia, e pela incessante actividade da vida publica, o triunfo completo da verdade social, cuja defeza foi confiada á monarchia christã e franceza.

Saudamos a nobre figura de Henrique de Bourbon, que, sempre fiel a si, com uma resolução mais forte do que a calumnia, traça aos homens de boa vontade, em meio das suas duvidas e do seu desanimo, o caminho do dever, no qual, acontecimento algum poderá surprehendel-o.

A sua linguagem não muda; mas quando o erro e a má fé conseguem obscurecer o seu character, resôa uma palavra, que dá á verdade todo o seu lustre. Há horas em que a luz, dissipando as trevas, apparece como uma novidade. E, todavia, a luz não é nova; os homens que ella illumina é que se tornam homens novos.

Nas luctas da França, o rei está no seu posto. Domina o campo de batalha, como convem ao chefe, que deve julgar cada hora propicia á sua acção directa e pessoal».

H. de Mayol de Lupé.

Ponte da Barca, 14 de março.

(Do nosso correspondente).

Teve aqui logar no domingo a procissão de Passos, que tanto quanto o permite uma terra pequena e sem recursos, esteve boa e muito concorrida.

E' para lamentar, porém, que ainda d'esta vez se não prescindisse de certas caricaturas, que com o nome de guarda romana, centurião, etc., vem juntar ao sério e sagrado, o ridiculo e extravagante.

O orador, que é de Lamego, satisfaz plenamente, apesar de se sentir um pouco contraído pelas peripecias do chamado centurião.

Dizem-me que s. ex.^a revm.^a o snr. arcebispo, com o zelo que o distingue pela decencia do culto, tem prohibido estas farçadas, mas por enquanto as suas ordens ainda aqui se não fizeram sentir.

No domingo proximo celebra-se nos Arcos a mesma procissão de Passos, na qual me dizem que prégará tambem o mesmo orador.

Continuava a asseverar-me que por occasião da solemnidade da Semana Santa irá cantar aos Arcos uma mulher, apesar

da prohibição, que me dizem ser já expressa do venerando prelado a tal respeito.

Custa-me a crer, que o parcho, que não conheço, mas seja quem fór, ouse consentir em tal, pois seria uma desobediencia formal ás ordens da superior auctoridade ecclesiastica, que por certo não deixaria impune um tal attentado.

Repito, custa-me a crer, mas em fim *veredemo* se tal acontece.

Por aqui todos andam preocupados com a politica; uns porque recebem perder o *penacho*, outros porque o *desejam*.

Creio porém poder asseverar pelos dados que tenho de pessoa competente, que os partidarios do snr. Manuel Bento da Rocha Peixoto perdem terreno, e que em breve teremos uma mudança radical em todo o pessoal do districto.

Oxalá que as coisas melhorem com a transformação, pois a verdade é, que estes povos por aqui tem soffrido bastante com as arbitrariedades dos que fazem do poder um chicote de ferro para azorregar os que lhe não agradam.

GAZETILHA

Lousperenne. — Expõe-se amanhã na parochial igreja de S. José de S. Lazaro.

Missa solemne e «Te-Deum». — Teve logar na freguezia de S. Miguel das Caldas de Vizella, no dia 13 do corrente, em acção de graças e para commemorar a entrada e posse de s. exc.^a revd.^{ma} o snr. Arcebispo Primaz, a solemnidade que annunciamos.

Foi uma festa, a que presidiu o entusiasmo e zelo religioso do clero e povo d'aquella freguezia, e portanto nada podia deixar a desejar, como na verdade não deixou.

Na vespera, 14, repetidas salvas e repiques de sinos fizeram annunciar ao longe, que no dia immediato tinham de subir ao céo, de mistura com o incenso, fervorosas orações, graças e louvores ao Altissimo pelos favores, que acabava de conceder não só ao seu sabio e virtuoso Prelado, mas a todo este arcebispado brarense.

No dia seguinte uma estrondosa salva fazia annunciar o alvorecer d'aurora, e ás 10 horas da manhã dava principio ao Santo Sacrificio o revd.^o abade de S. Miguel, acolytado, e ceremoniado por tres parochos visinhos.

Terminado o Inocuo Sacrificio, se guio-se o *Te-Deum*, a que continuaram a assistir os revd.^{os} parochos, com seu clero, das freguezias visinhas. S. João, Santo Adrião, Moreira, S. Martinho e Nespereira; as auctoridades d'ambas as freguezias, S. Miguel e S. João, os cavalleiros mais distinctos, os professores d'ambos os sexos com seus discipulos, as confrarias, etc. etc.

E, apesar de não ser dia sanctificado, foi tal o concurso de povo, que a igreja achava-se litteralmente cheia e uma grande parte do adro!

A orchestra foi a do snr. Jacintho, de Guimarães, que satisfaz o melhor possível.

Julgamos occasião opportuna para darmos uma ideia da fé e religião do bom povo d'aquella freguezia, e para o fazermos parece-nos sufficiente dizer, que aquelle dia foi por elle guardado tão escrupulosamente como um d'aquelles que o Salvador recommenda em seus santos preceitos!

Beneficio para os inundados. — Realizou-se na quarta-feira, no theatro de S. Gerardo, o espectáculo em beneficio dos inundados, promovido por varios cavalheiros d'esta cidade.

Subiu á scena a comedia-drama *O conde Jacques*, traducção esmerada do snr. Castilho e Mello, e a comedia *Complicações d'um etc.*, original do snr. Fernando Castiço.

Ambas as peças tiveram um magnifico desempenho, que foi constantemente victoriado com salvas de palmas, *bouquets*, e outras demonstrações de agrado e entusiasmo.

Formavam a companhia as ex.^{mas} snr.^{as} D. Carlota e D. Gracia Pindella, filhas dos snrs. viscondes de Pindella, e as ex.^{mas} snr.^{as} D. Maria Ignacia de Faria Machado Roby e D. Anna Borges de Faria; os ex.^{mos} snrs. visconde de Pindella, José Borges Pacheco Pereira de Faria, Fernando Castiço, Alfredo Alves Passos, Alberto Leite Pereira, Antonio d'Abreu Pereira Coutinho, Alfredo Soares Russel, e João Borges Pacheco Pereira.

No intervallo do 1.^o acto as ex.^{mas} snr.^{as} D. Lina Castiço, e D. Adelaide Ramos executaram, na harpa e no piano a *Miscellanea, Souvenir do theatro italiano*; no intervallo do 2.^o acto a snr.^a D. Adelaide Ramos executou no piano a phantasia da *Somnambula*.

No intervallo do 3.^o acto a ex.^{ma} snr.^a D. Maria Ignacia de Faria Machado Roby recitou brilhantemente a seguinte poesia, composição do ex.^{mo} snr. visconde de Pindella:

Atroz passava a tempestade horrivel
Deixando após de si o lucto e a morte;
Da procella o gemer casa-se aos ais
Dos que varados pela negra sorte
Perdem seus filhos, seus irmãos, seus paes

E já sem forças, aquebrados, tristes,
Olham em derredor, e um mar immenso
Inunda-lhes a seara, o tecto e o lar!
E elles no abysmo de um soffrer intenso
Sentem na fauce a voz quasi a expirar!

Depois, sem ter sequer um triste albergue,
Onde possam cabir extenuados,
A dôr, horrivel dôr! os vem pungir!
E' a fome, meu Deus, que aos desgraçados
Sepultura fatal lhes vem abrir.

De repente uma luz quasi divina
Um anjo deixa vêr, que veloz desce
Os dourados degraus de um throno, e diz:
— E aquella voz é doce como a prece —
«Ajuda-me a salvar tanto infeliz!

«Oh! vinde, vinde a mim, dae-me uma esmola
«Matar-lhes quero a fome, são meus filhos!»
E dizendo-o, n'um impeto de amor,
Da c'roa arranca as gemmas, ouro, os bri-
lhos,
E dos tristes nas mãos os vae depôr.

Ninguém, ninguém pressuroso
Deixou da esmola trazer,
Ao bom anjo carinhoso,
Que euzuga com o regio manto
Dos desvalidos o pranto
Para em riso os converter.

Quem podia um tal exemplo
Deixar logo de abraçar?
Cada theatro é um templo
Consagrado á caridade.
PIA, a tua piedade
Todos buscam imitar.

Não só o rico soccorre,
São todos, todos, ninguém
Deixa de dar, tudo corre
Alegre, feliz, contente.
A dar ao pobre indigente
Do que possui, do que tem.

Nem esta terra podia,
Caridosa a mais não ser,
Não lhe doer a agonia,
Dos que não tem um momento
Sem que lhes punja o tormento
Do mais horrivel soffrer!

E como aqui se está vendo
Esta verdade a brilhar?
Pois não vesteis, correndo,
A' festa da caridade?
PIA, a tua piedade
Todos quizeram imitar.

Braga 14—3.^o—77.

V. de Pindella.

Nos intervallos do 1.^o e 2.^o acto tambem recitaram poesias os snrs. Bernardino Passos e Cunha Vianna, sendo ambas muito applaudidas.

O theatro achava-se ricamente adornado e profusamente illuminado.

Nos camarotes de 1.^a e 2.^a ordem, e na plateia, na qual se achavam umas 50 senhoras, estavam algumas das principaes familias do Porto.

O espectáculo terminou ás duas horas da noite.

Ordenação. — Foram hontem conferidas na capella do Paço ordens menores a 60 ordinandos.

Hoje confere s. exc.^a revd.^{ma} as sagradas ordens de diacono e presbytero a 38 sacerdotes.

Doença. — Acha-se gravemente enfermo o snr. visconde de Montariol, por cujas melhoras fazemos votos ao céo.

— Continúa tambem enferma e sem esperanças de vida, a snr.^a D. Maria Rufina Villaça. Esta senhora, que é fervorosa catholica, sollicitou pelo telegrapho a Benção Apostolica de S. Santidade, a qual lhe foi concedida no dia 13.

Proceissão de Passos.—S. exc.^a revd.^{ma} tenciona, se o seu estado de saude o permittir, acompanhar com 90 seminaristas a proceissão de Passos, que terá lugar amanhã.

Asylo de S. José.—A commissão administradora d'este asylo, a qual ha dias tomou conta, tenciona fazer celebrar a festa do Padroeiro do mesmo, na fórma do costume, no dia 19 do corrente, para o que já fez os convites do estylo aos beneficeiros e autoridades.

Aos asylados será dado um abundante jantar, cuja despesa extraordinaria é feita á custa da commissão de que é digno presidente o snr. conego José Gomes Martins.

De tarde tocará no atrio a banda do regimento 8, a qual com licença do respectivo commandante se prestou gratuitamente. Tambem vão gratuitamente a orchestra e os cantores da missa, prestada pelo snr. Manoel João de Paiva.

Fallecimento.—Na madrugada de hontem falleceu quasi repentinamente a snr.^a D. Anna de Moraes Pacheco, da rua de S. Vicente.

Miserere.—Ao ser, hoje á noite, conduzida do templo de Santa Cruz para o Collegio, a veneranda Imagem do Senhor dos Passos, cantar-se-ha no Paço do campo de S. Thiago o psalmo *Miserere*, a instrumental.

Voto de louvor.—Escrevem-nos de Cabanellas:

Devido á grande generosidade do nosso presadissimo amigo—o snr. Bento Gonçalves dos Santos, honrado negociante d'esta cidade, está quasi concluido o douramento d'um altar da Virgem das Dores, erecto na freguezia de Cabanellas.

O snr. Santos vae offerecer á mesma Augusta Senhora, cuja imagem é uma das mais perfeitas que temos visto, um manto e vestido bordados a ouro, castiças e lindas jarras com flores.

Os trabalhos do douramento foram confiados ao habil, e distinctissimo pintor d'esta cidade—o snr. João José Pinto.

Folgamos de admirar no snr. Bento Gonçalves dos Santos esses altos sentimentos religiosos, de que sempre tem dado provas irrecusaveis em todas as suas acções verdadeiramente nobres.

O snr. Santos lembrou-se de que Cabanellas foi a terra que primeiro ouviu os seus vagidos de creança, dedicando-lhe, porisso, um affecto especial; e, como prova, procurou enriquecer a sua igreja afim de que ella se conserve com aquelle esplendor, que convem a um templo sagrado; recordando-se tambem, com saudade, de que foi n'ella, que recebeu as aguas do Baptismo.

Acceite, pois, da parte dos seus conterraneos, o nosso generoso amigo, um voto da mais sincera gratidão e louvor pela sua acção nobilissima; e creia que elles apreciam devidamente esta prova de sentimentos religiosos, e de amor á terra, que lhe foi berço. E a Virgem o cubra de bençãos, é o que do intimo d'alma lhe desejamos.—A. J. da Silva.

Uma ponte gigante.—Brooklyn e New-York, separadas por um braço de mar, que tem o nome de rio Este, são duas cidades que estão prestes a ser ligadas por uma ponte suspensa de proporções gigantes.

A primeira cidade conta uma população de 500:000 habitantes e a segunda um milhão. Habitam na primeira muitos negociantes que tem negocio em New-York.

O trajecto de uma banda para a outra é feito por uma immensa linha de vapores, aos quaes chamam *Ferry boats*.

Mas, como este systema de communicação não bastasse, o engenheiro que construiu a famosa ponte do Niagara iniciou a idéa de uma nova ponte que ligasse as duas referidas cidades e tratou de estudal-a convenientemente.

Mr. Roebing morreu, porém, antes de levar a cabo o seu projecto; mas este já ia adiantado e a ponte chegará a unir aquelles dois importantes centros commerciaes.

Esperaram-se estacas, pondo-se em pratica os mais atrevidos processos; estacas que medem 25 metros desde o fundo á superficie da agua e 40 desde a superficie até ao taboleiro da ponte; que deixam livres d'umas ás outras um espaço de 500 metros que occupará a citada ponte, cuja largura será de 26 metros e cujo comprimento, incluindo os viaductos que hão de dar-lhe entrada, medirá 1:800 metros.

A companhia dos *Ferry boats* viu com pavor a ruinosa competencia que a ponte lhe ia ocasionar, e suscitou uma deman-

da a titulo de manter o privilegio de transportar viajantes das duas margens.

A opinião publica, porém, declarou-se unanime em favor da ponte, e os tribunaes tambem unanimes em favor da opinião publica.

Concertos de sinos de pedra.—Está concluido o carrilhão de dez sinos de pedra fixados n'uma torre movel de ferro e madeira, obra executada com muito trabalho, paciencia e sacrificio, pelo official de canteiro o snr. João Maria dos Santos Pinheiro, sob a protecção de el-rei o snr. D. Fernando e diversas pessoas generosas, que animaram o esforço do artista. Os sinos estão perfeitamente afinados e o snr. Pinheiro vae dar com elles um concerto em seu beneficio em S. Carlos n'uma noite do proximo mez de abril. Os sinos serão tocados por teclado, diz o «Diario de Noticias».

Tumulos antigos.—De Condeixa communica o snr. Antonio Rocha da Fonseca o seguinte ao «Conimbricense»:

«Appareceram n'umas escavações que ultimamente se fizeram junto á igreja de Condeixa a Velha e perto da antiga Conimbrica, hoje Almedina, alguns tumulos de pedra, tapados com lages, contendo cada um uma ossada humana.

Os tumulos são inteiriços e de favor pouco apurado. A primeira vista parecem romanos, tomando em consideração o sitio em que se acharam e o seu feitio; porém analysando-os minuciosamente, são sem duvida alguma de epocha muito posterior ao dominio d'aquelles povos, pois que alguns tem em relevo no lado da cabeceira a cruz de Aviz, o que nos leva a crer que depois da fundação da monarchia ainda existia nas ruínas de Almedina povoação importante, que pela aridez do sitio e pela falta de commodidades indispensaveis a um povo numeroso, abandonou, talvez de pouco a pouco aquelle local.

Na area comprehendida entre as duas muralhas de Almedina e principalmente no lugar em que esteve situada a cidade tem apparecido muitos objectos de valor historico, entre os quaes figura um vaso de vidro offerecido por um cidadão de Condeixa a sua magestade el-rei o senhor D. Pedro V, em 1860, alguns tanques de tijolo em que os romanos tomavam banho e uma porção de moedas, romanas, arabes e portuguezas até el-rei D. Sebastião.

Navios de guerra inglezes.—O governo inglez tem actualmente em construção nos diferentes estaleiros em Inglaterra 51 navios de guerra, sendo 10 fragatas e 6 corvetas couraçadas; 6 corvetas, 2 avisos, 21 canhoneiras e 6 outros barcos de pequeno lote de madeira: os couraçados, que estão quasi promptos, são:—«Dreadnaugh» 7:350 toneladas, «Nelson» 4:300, «Northampton» 4:300, «Shannon» 3:370 e «Téméraire» 5:535.

Agulha de Cleopatra.—O obelisco que se observa nos arredores de Alexandria, conhecido com o nome de *Agulha Cleopatra*, vae ser transportado para Londres a cargo de uma sociedade de archeologos. O monolitho tem 68 pés e 15 polegadas inglezas de largura, 6 pés e 12 polegadas de lado na base, e 4 pés e 9 polegadas de lado na base da pyramide superior.

O governo inglez, respondendo no Parlamento a uma pergunta sobre este assumpto, annunciou que o Kediva deseja ver a agulha de Cleopatra em Londres, com tanto que as auctoridades inglezas se encarreguem de vigiar pela sua conservação.

Um dos mais velhos soldados do mundo.—No condado de Leicester (Inglaterra), conta um jornal estrangeiro, vive um soldado, que assentou praça em 1793, e que é, por consequencia, um dos mais velhos soldados que existem no mundo. Tem nada menos de 84 annos de serviço.

População de Berlin.—A capital da Prussia e do imperio allemão tem actualmente 942:142 almas:

Marfim vegetal.—Cresce espontanea na America do sul uma arvore magnifica, semelhante á palmeira, á qual os latinos dão o nome de *Phylleps nacro carpa*.

Esta arvore produz um fructo, que contem um liquido, ao principio claro e insipido, mas que com o tempo se torna lacteo e unctoso, solidificando-se depois e adquirindo-se a dureza do marfim. Este curioso producto já se encontra no commercio. Tem o defeito de amoltecer depois de molhado; mas facilmente recu-

pera a sua dureza primitiva, depois de secco.

Doze grandes desordens.—S. Cyrillano, bispo de Carthago (Africa), martyr, assignalava a seus contemporaneos estas doze grandes desordens.

1. Um moralista sem bons exemplos.
2. Um velho sem religião.
3. Um joven sem obediencia.
4. Um rico sem caridade.
5. Um mestre sem energia.
6. Uma mulher sem modestia.
7. Um christão, amigo de processos.
8. Um pobre orgulhoso.
9. Um rei injusto.
10. Um pastor negligente.
11. Um povo sem costumes.
12. Um estado sem leis.

As doze grandes desordens do seculo III não serão as mesmas do seculo XIX? —(«Apostolo»).

Estragos dos temporaes nas linhas Minho e Douro.—Os prejuizos, causados pelos ultimos temporaes nos caminhos de ferro Minho e Douro, estão orçados em 16:180\$000 reis.

Negocios ecclesiasticos.—O «Diario do Governo», de 13, publica:

Aviso de se achar aberto concurso por tempo de trinta dias, a contar de 8 do corrente, para provimento das igrejas de Santa Maria de Sá, no concelho de Ponte do Lima, S. Pedro de Daião, no concelho de Vianna do Castello, S. Pedro Fins de Parada, no concelho de Coara, N. S. dos Remedios de Samão, no concelho de Cabeceiras de Basto, e S. Thiago da Carvalhosa, no concelho de Paços de Ferreira, todas da archidiocese de Braga.

Catastrofe maritima.—No mar do Norte, durante as ultimas tempestades, trinta e seis barcos de pesca, d'uma tonelagem forte, pertencentes aos portos de Yarmouth, Lowesioft, Orymsby, Hull e Ramgates, desapareceram completamente. O numero dos homens afogados eleva-se a 215; deixam na miseria 88 viuvvas e 164 filhos. Dois navios de guerra, a «Valorous» e a «Seamew», debalde procuraram durante tres semanas os barcos a que nos referimos.

A «Valorous», depois de ter navegado ao longo da Costa do Texel e da Dinamarca até ao Cattegat, cruzou nos mares de Norte emquanto que a «Seamew» seguia as costas da Inglaterra. Um só barco desmastroado, pertencente ao porto de Grimsby, foi encontrado perto d'este porto. Não ha infelizmente a menor duvida de que toda a flotilha foi engulida pelas ondas. O lord-maire de Londres abriu uma subscrição em Mansion-House a fim de auxiliar as victimas d'esta terrivel catastrofe.

AGRADECIMENTOS

A Condessa d'Azevedo julga ter agradecido a todas as exm.^{as} senhoras e cavalheiros, que se dignaram cumprimental-a por occasião do fallecimento de seu marido o Conde d'Azevedo; sendo porém possível que commettesse alguma falta involuntaria, agradece por este meio a todos em geral, e a todos se confessa summamente grata.

Porto 12 de março de 1877.
(161) Condessa d'Azevedo.

D. Maria do Carmo da Encarnação e Sousa, em extremo penhorada para com todos os illum.^{os} e exm.^{os} snrs. que se dignaram cumprimental-a, por occasião do fallecimento de seu sempre chorado marido, Antonio Lopes de Sousa, tenente coronel reformado; que acompanharam o cadaver ao cemiterio, e assistiram aos officios funebres, que, no dia 6 do corrente mez de março, tiveram lugar na igreja de S. Victor, por este meio, e na impossibilidade de o fazer pessoalmente, agradece a todos, testemunhando seu profundo reconhecimento.
(166)

Francisco Jacome de Sousa Pereira de Vasconcellos, Vasco Jacome de Sousa Pereira de Vasconcellos, e Visconde de Ruães, julgam ter agradecido pessoalmente a todas as pessoas da sua amizade e relações que lhes dispensaram distinctos obsequios durante a grave e prolongada enfermidade de sua muito querida e sempre chorada irmã e cunhada Maria da Conceição Jacome de Sousa Pereira de Vasconcellos, assim como ás que se dignaram acompanhar o cadaver da finada até a real ca-

pella de Santa Cruz e ahi honraram com a sua presença os officios funebres que tiveram lugar no dia 23 do mez passado; mas sendo possível que para com algumas deixassem de cumprir tão imperioso dever, pedem desculpa da omissão, e significam assim a sua mais intima e cordial gratidão.

Igualmente agradecem a todos os senhores reverendos ecclesiasticos, que obsequiosamente se dignaram celebrar e assistir aos referidos officios por alma da finada.
(169)

ANNUNCIOS

Dinheiro a juro

N'esta Redacção se diz quem dá a juro a quantia de quatrocentos mil reis sobre hypotheca, e com fiadores idoneos.
(164)



NOVO HORARIO

Manuel Rodrigues Santa Marinha & C.^a Antonio do Couto Vinagreiro, da cidade de Guimarães, fazem publico que a sua diligencia diaria de Braga a Guimarães fica saindo desde o dia 1 d'abril ás 5 horas da manhã.

N. B. Os snrs. passageiros que quizerem seguir nos seus carros para Amarante, Fafe, Gandarella, Arco e Cavez tem de seguir n'esta mesma diligencia.

Os bilhetes vendem-se no mesmo escriptorio do bem conhecido Ribeiro Braga.

Braga 15 de março de 1877.

Pelos annunciantes—Ribeiro Braga.
(165)

Rua de S. João n.º 9

Joaquim Antonio Pereira (vulgo o *Maduro*) com estabelecimento de mercearia na rua de S. João n.º 9 A—a 9 E, faz publico, que junto do seu ramo de negocio, tem uma doçaria e confeitaria, onde se faz toda a qualidade de doce o melhor possível, e bem assim se encarrega de qualquer encomenda, que será feita com a maior promptidão; porisso, conta com a concorrencia do illustre publico, pois que tanto em preço como em qualidade do doce, o póde servir melhor do que ninguém.
(167)

AOS AMADORES

DE
GUITARRA

Quem quizer aprender a tocar guitarra, dirija-se á rua das Aguas n.º 40.

Preço por cada lição. . . 60 rs.
(168)

LIVRARIA D'EUGENIO CHARDRON

A HISTORIA ECCLESIASTICA

PELO

Padre Rivaux

Depois de concluida custará 3\$600 rs.

Ainda se póde assignar até ao fim d'este mez pelo preço primitivo, recebendo em brinde o retrato gravado em aço

DE SUA SANTIDADE O PAPA PIO IX.

Esta obra que comprehende a historia geral da igreja desde o seu começo até 1876, custa apenas 3\$000 reis aos snrs. assignantes e ficará concuida no fim d'este mez.

E' uma obra indispensavel ao clero e utilissima a todos os bons christãos.

LETRA PERDIDA

Perdeu-se uma Letra de 300\$000 reis, do Banco Industrial do Porto, vinda do Rio de Janeiro, d'agencia do mesmo. A pessoa que a achasse e a queira entregar, o póde fazer no Campo de Sant'Anna n.º 27, a Antonio Gonçalves Valença, e receberá alviçarás.

